

A tecnologia e o empreendedorismo social: o uso do conhecimento como instrumento de combate à pobreza

Edileusa Godói-de-Sousa

Faculdade de Gestão e Negócios da Universidade Federal de Uberlândia - FAGEN/UFU -
Brasil - edileusagodoi@uol.com.br

Sumário

O objetivo deste estudo foi identificar por meio da literatura como empreendimentos sociais utilizam do conhecimento produzido socialmente, como instrumento para geração da Tecnologia Social visando combate à pobreza. A pesquisa contextualizou a temática por meio de revisões da literatura sobre o tema. Quanto ao propósito da revisão este trabalho foi analítico e temático, centrado em um recorte específico sobre o desenvolvimento do empreendedorismo social em aspectos práticos e ações históricas. Com relação à função da revisão o estudo foi histórico e de atualização, pois arrola a literatura retrospectiva de forma compacta, permitindo a comparação de informações de diferentes fontes e novas perspectivas. Quanto ao tratamento e abordagem foi bibliográfico permitindo uma seleção daquelas fontes de maior interesse relativo ao tema. Os resultados apontam que é possível relacionar os conceitos de conhecimento e de Tecnologia Social com a ideia de necessidade (carências humanas), buscando suas possibilidades para a inclusão social.

Abstract

The aim of this study was to identify through the literature as social enterprises make use of knowledge as a tool for the generation of social technology in order to combat poverty. The research contextualized the topic through a literature review. As for the purpose of the review, this work was analytical and thematic, concentrated on a specific focus on the development of social entrepreneurship in practical and historical actions. Regarding the review, the study was historical and updated because it condenses retrospective literature, allowing the comparison of information from different sources and perspectives. Regarding treatment and approach, it was bibliographic allowing a selection of those sources of greatest interest concerning the subject. The results show that it is possible to relate the concepts of knowledge and technology with the idea of social need (human needs), seeking its possibilities for social inclusion.

Agradecimentos à Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de Minas Gerais - FAPEMIG e à Pró Reitoria de Pesquisa e Pós-Graduação da Universidade Federal de Uberlândia - PROPP/UFU, pelo apoio financeiro.

1. Introdução e objetivos

Ao longo do desenvolvimento do Terceiro Setor a visão assistencialista em muito esteve presente, o que fez com que as organizações pertencentes ao setor fossem dependentes do vínculo caritativo, necessitando de doações e ajuda do governo, assim como do voluntariado. Isso fez com que essas organizações dependentes fortemente dos fatores externos fossem ao longo do tempo fragilizadas por uma precária profissionalização, ou definição clara tanto legislativa quanto para a sociedade de sua atuação. Por muito tempo foram consideradas somente como uma atividade de auxílio social e com influência apenas local, não criando perspectivas de inovações e tecnologias que poderiam partir dessas ações sociais.

Em uma outra perspectiva, para atender as várias formas legislativas que apareceram, assim também, como as exigências sociais e internas de sobrevivência, as organizações do Terceiro Setor, com destaque para os empreendimentos sociais, necessitam profissionalizar, por meio do uso de tecnologias no âmbito computacional ou administrativo, ou de outras maneiras que as ajudem e facilitem os seus processos. Isso pode se dar pela quebra de barreiras entre a fonte central de conhecimento, as universidades, com a sociedade, interpretando que ambas são fontes riquíssimas de conhecimento e inovação tecnológica.

Mas para o uso de tecnologias por essas organizações é necessários antes de tudo que se conheça como as mesmas caminham e de que forma reconhecem a necessidade da utilização de ferramentas como uma forma estratégica de sobrevivência, na criação de um ciclo independente, cada vez menos assistencialista ou caritativo, para uma perspectiva mais autossustentável na promoção social.

Nessa direção, estudos recentes apontam o Empreendedorismo Social em pleno desenvolvimento, tanto nas diversas formas como se expressa na prática, quanto na sua inserção teórico-conceitual (GODÓI-DE-SOUSA, 2010). Assim, o Empreendedorismo Social no contexto atual emerge como uma via promissora da renovação da intervenção social, uma nova proposta de formação do Terceiro Setor, ao gerar tanto valor social quanto valor econômico, a partir da geração de trabalho e renda, possibilitando novas maneiras de construção de redes mais profissionalizadas e fortes com o intuito de contribuição social (BOSCHEE, 2001; MAIR e MARTI, 2006; QUINTÃO, 2004; AUSTIN et al, 2006).

Para outros autores (BONTEMPO, 2008; ONOZATO e TEIXEIRA, 2008; LEZANA et al, 2008; SCHLEMM e SOUZA, 2012), apesar dos empreendimentos sociais estarem inseridos em um campo de estudos ainda imaturo em sua produção, algumas discussões têm sinalizado a necessidade de ampliar o debate de alguns pontos importantes, entre eles: a natureza e as repercussões do crescimento desses empreendimentos; a necessidade de aprofundar conhecimentos sobre essas formas de organizações; e de identificar políticas e ações que possam ajudar a inserir gradualmente essas iniciativas num quadro mais amplo de desenvolvimento sustentável, por meio do profissionalismo destas organizações, na utilização de tecnologias diversas, para a utilização eficiente dessa ação social, contribuindo para o surgimento de novos valores necessários para a sociedade.

Essa profissionalização permitirá novas formações de redes de comunicação entre setores, e a implementação da inovação e da tecnologia poderá ser um importante fator para o desenvolvimento da sociedade. Assim, vislumbram-se novas perspectivas por intermédio da utilização de tecnologias, que fomentam outras tecnologias ligadas a uma atitude mais social e humanizada. O surgimento da Tecnologia Social (TS), como foco promissor de

novos estudos e busca de desenvolvimento dos empreendimentos sociais, pode provocar articulações inovadoras, com foco às contribuições sociais de uma configuração mais especializada e profissionalizada. O uso das TSs está baseada na disseminação de soluções para problemas voltados a demandas e carências concretas tais como: resolução de problemas de alimentação, educação, energia, habitação, renda, recursos hídricos, saúde, meio ambiente, dentre outras.

As TSs podem aliar saber popular, organização social e conhecimento técnico-científico. Importa, essencialmente, que sejam efetivas e reaplicáveis, propiciando desenvolvimento social em escala. Uma TS sempre considera as realidades sociais locais e está, de forma geral, associada a formas de organização coletiva, representando soluções para a inclusão social e melhoria da qualidade de vida. (LASSANCE JÚNIOR e PEDREIRA, 2004).

Nesse sentido, o objetivo deste estudo foi identificar, por meio da literatura, como os empreendimentos sociais se utilizam do conhecimento produzido socialmente, como instrumento para a geração da Tecnologia Social visando o combate à pobreza.

Especificamente, preocupou-se em estabelecer uma relação entre a geração e gestão do conhecimento pelos empreendimentos sociais, na busca de TS, com vistas à promoção de melhor qualidade de vida para as pessoas.

O estudo possui contribuições sobre as expectativas de desenvolvimento dos empreendimentos sociais, apontando desafios possíveis e perspectivas, envolvendo o uso de tecnologia e formação de redes que fortaleçam esses empreendimentos.

2. Metodologia

Em relação aos procedimentos adotados, este estudo contextualizou a temática por meio de revisões da literatura sobre o tema. Este procedimento, de acordo com Noronha e Ferreira (2000) apresenta-se como atividade importante para identificar, conhecer e acompanhar o desenvolvimento da pesquisa em determinada área do conhecimento.

Adotou-se a busca de publicações nacionais e internacionais por meio da plataforma *ProQuest*, com a utilização de palavras-chave como: "Empreendedorismo Social", "Social Entrepreneurship", "Terceiro Setor", "Third Sector", "Empresa Social", "Empreendimentos Sociais", "Tecnologia Social" e " Social Technology" .

Conforme Noronha e Ferreira (2000), as revisões podem ser classificadas segundo seu propósito, abrangência, função e tipo de análise desenvolvida. Nesse sentido, este trabalho pode ser classificado da seguinte forma:

- quanto ao propósito da revisão este trabalho é analítico, pois trata-se de uma revisão sobre um tema específico, agrupando os vários desenvolvimentos ocorridos em uma área de interesse, no caso, sobre o Empreendedorismo Social e os desafios e perspectivas no uso do conhecimento como instrumento para a geração da TS visando o combate à pobreza;
- quanto à abrangência da revisão o trabalho é temático, centrado em um recorte específico sobre o desenvolvimento do Empreendedorismo Social em aspectos práticos, ações histórico;
- com relação à função da revisão o estudo é histórico e de atualização, pois arrola a literatura retrospectiva de forma compacta, permitindo a comparação de informações de diferentes fontes e novas perspectivas;

- quanto ao tratamento e abordagem dados aos trabalhos analisados da revisão o trabalho é bibliográfico e objetivou servir como subsídio para comparação das diferentes fontes, permitindo uma seleção daquelas de maior interesse relativo ao tema abordado.

Para discutir as principais abordagens sobre o Empreendedorismo Social, foram utilizados como base para análise os estudos realizados por vários autores (BORZAGA e DEFOURNY, 2001; BOSCHÉE, 2001; ALBAGLI; MACIEL, 2002; QUINTÃO, 2004; OSTER, MASSARSKY e BEINHACKER, 2004; BARENDSSEN e GARDNER, 2004; CHRISTIE e HONIG, 2006; SCHLEE, CURREN e HARICH, 2009; MELO NETO e FROES, 2002; GODÓI-DE-SOUSA, 2010).

Especificamente procurou-se identificar, dentro das abordagens destes autores as características que definem o empreendedorismo social e as principais ações de busca de novas oportunidades de participação social por meio de inovações contínuas. Com base nesse referencial teórico buscou-se resposta para a seguinte questão: como os empreendimentos sociais se utilizam do conhecimento produzido socialmente, como instrumento para a geração da Tecnologia Social visando o combate à pobreza?

Os limites desta pesquisa foram a mobilidade que a bibliografia gera para o tema abordado, uma vez que, toda categoria teórica está numa permanente construção.

3. Referencial teórico

3.1 O empreendedorismo social: características e multiplicidades

O Empreendedorismo Social ainda é um tema pouco explorado na academia brasileira, porém, vem ganhando popularidade em diferentes contextos (BARENDSSEN e GARDNER, 2004; CHRISTIE e HONIG, 2006; SCHLEE, CURREN e HARICH, 2009; MELO NETO e FROES, 2002; GODÓI-DE-SOUSA, 2010). Se apresenta com novos significados em meio a um conjunto de transformações inter-relacionadas, tais como: a apologia do autoemprego; o avanço na organização da sociedade civil; e, o aprofundamento do processo de globalização motivando a busca por inovações contínuas e por novas oportunidades de participação social e econômica, possibilitadas por ferramentas e tecnologias que profissionalizam as atividades dos empreendimentos sociais, tornando-os efetivamente participante da moção social (ALBAGLI; MACIEL, 2002; QUINTÃO, 2004).

Outros autores, como Boschee (2001) e Oster, Massarsky e Beinhacker (2004), consideram que o Empreendedorismo Social envolve a criação de organizações comercialmente viáveis e socialmente construtivas, por meio das quais os empreendedores sociais identificam e exploram oportunidades de mercado por intermédio de produtos ou serviços que permitam atingir objetivos sociais, ou para a geração de excedentes que sejam reinvestidos num projeto social.

Nesse ponto de vista como aborda Borzaga e Defourny (2001), os empreendimentos sociais são vistos como uma maneira de atender o social em amplos aspectos. Coloca-se como uma forma de minimizar o problema do desemprego estrutural, procurando se posicionar na transformação da sociedade industrial e da própria natureza do trabalho, observando e alterando as formas do Estado-Providência, e no intuito de se colocar sobre as fronteiras que se identificam e separam aquilo que é público, o que é privado, o que é lucrativo e/ou não lucrativo, onde suas consequências se tornam refletidas em um aspecto mais amplo de mudança da modernidade no nivelamento das relações de poder social.

Os empreendimentos sociais vêm atuando em diferentes realidades do país, motivados pela necessidade de gerar renda em função do atendimento imediato das necessidades básicas dos envolvidos, que são pessoas e comunidades inseridas nos extratos socioeconômicos mais baixos da estrutura social (GODÓI-DE-SOUSA, 2010).

É possível interpretar que o Empreendedorismo Social é um novo paradigma, ainda pouco discutido, de intervenção social sendo, pois um processo e uma tecnologia de gestão social indutora de auto-organização social na busca de empoderamento e de participação cidadã.

Alguns autores (ELSBACH, 2005; FIOL, 2005; OPHIR; ARGOTE, 2005; WARGLIEN, 2005) que discutem os arranjos intraorganizacionais reconhecem a importância do ato de transferir e compartilhar conhecimento como recurso fundamental para a auto-organização na busca dos objetivos organizacionais. De modo geral, a gestão do conhecimento, em seus diversos níveis e aplicações, tem sido considerada, tanto na prática quanto na teoria, um mecanismo de compartilhamento entre as pessoas, capaz de potencializar a transferência de informação entre organizações e indivíduos e de contribuir para a geração de produtos e processos inovadores no contexto das organizações.

Particularmente, este trabalho teve interesse na epistemologia subjacente à gestão do conhecimento pelos empreendimentos sociais, como instrumento para a geração da TS, com vistas à promoção do bem estar social.

3.2 A gestão do conhecimento versus tecnologia nos empreendimentos sociais

As organizações têm buscado, cada vez mais, novas soluções de gestão de produtos, serviços e tecnologia. Isto ocorre porque elas estão inseridas em ambientes de elevada volatilidade, nos quais buscam competitividade para lidar com as imprevisões e manter sua perpetuidade. Estes ambientes exigem gerenciar a inovação e, por decorrência, a produção, transferência e compartilhamento do conhecimento (NAKATA, 2009).

Von Krogh, Ichijo e Nonaka (2000) entendem o conhecimento como crença verdadeira e justificada, é explícito e tácito, e sua eficácia e criação depende de contexto capacitante. Eles afirmam, ainda, que o conhecimento é específico e relacionado a um contexto, pois apresenta-se dinâmico nas interações entre os indivíduos, no meio e entre as organizações.

Probst, Raub e Romhardt (2002) por sua vez, explicam que o conhecimento é integrado, sendo individual e coletivo ao mesmo tempo, pois as pessoas constroem-no juntas e adquirem novo conhecimento do próprio grupo. Davenport e Prusak (1998) ainda esclarecem que o conhecimento movimenta-se pelas organizações, pois ele é comercializado, descoberto, gerado e aplicado aos processos de trabalho. Os mesmos autores afirmam que ele não apenas está contido em documentos ou repositórios da organização, mas também nas suas práticas, processos e normas.

Para Barros e Miranda (2010), o compartilhamento dos conhecimentos que foram produzidos por uma comunidade ou organização, em processo interativo, as pessoas passam a valorizar o que foi construído coletivamente. Passam a valorizar suas práticas, sua história e reconhecer o conhecimento desenvolvido por elas mesmas. As comunidades empoderam-se e o capital social se eleva quase que instantaneamente.

Porque percebem que o desafio da mudança é responsabilidade de cada um e cada uma, e que esse “cada um” e “cada uma” são importantes nos processos. Percebem, ainda, que a cooperação é fundamental para que os objetivos traçados sejam alcançados. Sistematizar e compartilhar os conhecimentos produzidos e aprendidos em uma comunidade ou organização servirá de inspiração para que outras tantas comunidades e organizações passem a reconhecer e valorizar sua história e aprendizados. (Barros e Miranda, 2010, p.62).

Nesse sentido, as organizações criadoras de conhecimento seriam, então, aquelas que criam novos conhecimentos sistematicamente, disseminam-nos pela organização e rapidamente os incorporam a novas tecnologias para facilitar seus processos.(TERRA, 2000).

Ao tratar-se do termo “tecnologia”, a tendência é estabelecer uma relação do mesmo com a informática, o que pode gerar uma visão equivocada de sua definição. Para Silva (2002), o uso indiscriminado do termo, principalmente, em áreas do conhecimento relacionadas às ciências humanas e sociais, referindo-se aos setores de serviços e informática, tem diferenciado seu significado em comparação com a conceituação original, dificultando muitas vezes o seu entendimento.

De modo simples e direto, por tecnologia pode-se definir: "o conjunto complexo de técnicas, artes e ofícios (techné) capazes de modificar/transformar o ambiente natural, social e humano (cognitivo), em novas realidades construídas artificialmente". (LION, 1997, p. 25). O autor ressalta ainda, que tanto a palavra técnica e tecnologia têm a mesma raiz no verbo grego *tictēin* que significa “criar, produzir, conceber, dar a luz."

Para Paiva (1999), a maior parte das definições refere-se à tecnologia como algo relacionado ao produzir, “mas que não é essencialmente o modo, senão uma inteligência que tanto concebe a organização desses modos articula-os e os otimiza numa relação objetiva, como também administra o desenvolvimento do processo e dos resultados” (PAIVA (1999, p.5). Nesse sentido, tecnologia aqui pode ser compreendida como conhecimento, estando esse termo relacionado a competência não só de produzir, mas de controle, sobre o ambiente produtivo. O conceito de tecnologia pode ser definido, ainda, como:

[...] um conjunto de conhecimentos e informações utilizados na produção de bens e serviços, provenientes de fontes diversas, como a descoberta científica e invenções, obtidos por meio de distintos métodos, a partir de objetivos definidos e com finalidades práticas. Ou seja, tecnologia é um meio pelo qual se realizam as atividades humanas na produção das condições materiais de vida na sociedade. (CATTANI; HOLZMANN, 2006, p.288).

Lima Filho e Queluz (2005) ainda citam duas matrizes conceituais para tecnologia: a matriz relacional, que entende a tecnologia como construção, aplicação e apropriação de práticas, saberes e conhecimentos, e a matriz instrumental, que compreende a tecnologia como técnica, isto é, como aplicação prática de saberes e conhecimentos.

Ao restringir a tentativa de conceituar a tecnologia como a aplicação de técnicas, estar-se-ia eliminando o entendimento das relações sociais, culturais e de produção envolvidas nesse conceito. Para Santos (2001), a tecnologia não pode ser desvinculada das relações sociais. Ao contrário, as tecnologias são materializações dessas relações sociais. O referido autor expõe que, há que se considerar que o tipo de tecnologia a ser empregado depende do tipo de relações sociais existentes entre as classes sociais constitutivas do modo de produção. Acrescenta, ainda, que o tipo de tecnologia determina a forma do trabalho a ser desenvolvido. Isto posto definem-se também as condições de utilização da mesma. O autor destaca que “a função precípua da tecnologia é servir de meio de produção de mais-valia, como lembra-nos Marx.” (SANTOS, 2001, p. 32).

É nesse cenário que buscou-se relacionar os conceitos de gestão do conhecimento e de tecnologia no contexto dos empreendimentos sociais. O contexto ambiental dos empreendimentos sociais, em especial daqueles que geram trabalho e renda, é caracterizado pelas incertezas em meio a um conjunto de transformações inter-relacionadas, tais como: a apologia do autoemprego e a busca por inovações contínuas e

por novas oportunidades de participação social e econômica (ALBAGLI; MACIEL, 2002; QUINTÃO, 2004). Tudo isso leva ao aumento da demanda por diversas fontes de conhecimentos. Tendo em vista a estrutura dos empreendimentos sociais e suas formas múltiplas de atuação, é crescente a importância do compartilhamento do conhecimento, tanto de fontes internas quanto externas, contribuindo, mesmo que de forma simples ou ainda não totalmente identificada, como instrumento de combate à pobreza.

Nesse interim, surgem as TSs que estão baseadas na disseminação de soluções para problemas voltados a demandas e carências concretas tais como: resolução de problemas de alimentação, educação, energia, habitação, renda, recursos hídricos, saúde, meio ambiente, dentre outras. Uma TS sempre considera as realidades sociais locais e está, de forma geral, associada a formas de organização coletiva, representando soluções para a inclusão social e melhoria da qualidade de vida (LASSANCE JÚNIOR e PEDREIRA, 2004). Entretanto, desconhece-se atualmente o nível tecnológico em que estão os empreendimentos sociais e de que maneiras se estruturam para a tecnologia e com ela.

Os empreendimentos sociais, considerando suas características específicas, demandam conhecimentos e tecnologias adequadas a práticas de produção cooperada, de autogestão nos processos de trabalho e a outras finalidades orientadas pela solidariedade na partilha dos resultados, incluindo a valorização dos saberes e da cultura local. Nesse sentido, destaca-se a importância da TS com a capacidade de promover um novo modelo de produção da ciência e da aplicação da tecnologia em prol do desenvolvimento social. Barros e Miranda (2010) compreendem por TSs produtos, técnicas e/ou metodologias reaplicáveis, desenvolvidas na interação com a comunidade e que representem efetivas soluções de transformação social.

Segundo Maciel e Fernandes (2010), as TSs emergiram como um movimento de “baixo para cima”, que se caracteriza pela capacidade criativa e organizativa de segmentos da população em gerar alternativas para suprir as suas necessidades e/ou demandas sociais.

De acordo com Pena (2010, p. 43-44), o conceito de TS percorre as experiências desenvolvidas nas comunidades urbanas e rurais, nos movimentos sociais, nos centros de pesquisas e nas universidades que "podem produzir métodos, técnicas ou produtos que contribuam para a inclusão e a transformação social, em particular quando desenvolvidas em um processo no qual se soma e se compartilha o conhecimento científico com o saber popular."

A concepção de TS vai além do enfoque no artefato e agarra-se no contexto e na realidade concreta dos sujeitos para transformar.

É um posicionamento político, na medida em que é um situar-se no mundo das pessoas e de seu espaço, sua organização, de forma independente, autônoma e autogestionária. A TS é um instrumento pedagógico, pelo qual todos aprendem no construir das soluções. (ALMEIDA, 2010, p.14)

De acordo com Souza (2010), as TSs ocupam um lugar estratégico no Sistema de Ciência, Tecnologia e Inovação (CTI) no Brasil, graças ao seu DNA possuir três características importantes: primeiro, a TS é uma possibilidade do exercício do fortalecimento da democracia e da soberania nacional, pois sua prática, construção e resultados apresentam baixo custo, alta capacidade de adequação na sua reaplicabilidade; segundo, a sua abordagem evidencia a estratégia de como as pessoas se envolvem no enfrentamento de desafios - a TS é uma fotografia da demanda efetiva de uma comunidade e de suas respostas às suas demandas; terceiro, o fato da atuação das entidades e instituições que praticam TS ocorrer em uma forma interativa entre si, de acordo com a geopolítica da

comunidade, motiva a participação dos diversos sujeitos no desenvolvimento social, político, cultural e econômico, assim como na construção e monitoramento de políticas públicas dirigidas ao desenvolvimento sustentável.

Contudo, Brito (2013) alerta que o conhecimento gerado por experiências comunitárias bem-sucedidas, e comprovadas pela prática, ainda não é considerado como tecnologia no Brasil, sendo assim, as TSs ainda não são consideradas como tal, mas deveriam inclusive ser pesquisadas, catalogadas e divulgadas, para a reaplicação em diferentes localidades.

3.3 Implicações das abordagens encontradas

Este estudo ao buscar relacionar os conceitos de gestão do conhecimento e de tecnologia no contexto dos empreendimentos sociais, evidenciou na literatura algumas perspectivas: a criação de mecanismos de compartilhamento de conhecimentos entre as pessoas, capazes de potencializar a geração de produtos e processos inovadores no contexto dos empreendimentos sociais; a construção de novos parâmetros de produção da ciência e da aplicação da tecnologia em prol do desenvolvimento social; e por fim, destaca-se o desenvolvimento das TSs que buscam a inclusão social e melhoria das condições de vida das populações, fortalecendo a promoção do bem viver. Nesse sentido, o tema "Tecnologia Social" vem ganhando uma importância muito grande na literatura sobre a construção de uma sociedade mais justa, igualitária, solidária e sustentável.

No entanto, apesar de as TSs já serem hoje uma realidade no contexto dos empreendimentos sociais, a sua real integração às políticas públicas, conforme evidenciado por Brito (2013), ainda representa um desafio. É um cenário de contradições, pois ao mesmo tempo que valorizam-se ideias inovadoras e a geração de novas tecnologias, as políticas públicas, conforme relatado pelo autor, ainda não conseguiram proporcionar os meios necessários para que essas novas tecnologias tornem-se acessíveis aos empreendimentos sociais, valorizando sua função social e econômica.

Com tal finalidade, deveriam ser criadas e ampliadas as políticas, programas e ações de financiamento público para o desenvolvimento e disseminação de pesquisas e tecnologias; de democratização das TSs; de identificação, resgate e valorização do conhecimento acumulado pelos empreendimentos sociais; de criação de Centros Tecnológicos de Empreendimentos Sociais; de ampliação da participação em fóruns e espaços de formação em tecnologias e desenvolvimento sociais, estabelecendo uma relação de troca de conhecimentos, visando à apropriação e à recriação de TSs pela comunidade.

Para isso, faz-se necessário ampliar e fortalecer os processos em curso que disseminam o conceito de "Tecnologia Social" e constroem espaços coletivos que agregam diferentes atores sociais, para que se reconheçam como produtores e disseminadores de conhecimentos capazes de promoverem tal tecnologia. As redes que envolvem pesquisadores e demais atores relacionados à produção de conhecimento, podem ajudar a fortalecer tais processos, aprofundando as relações entre coletividade científica e sociedade, possibilitando, dessa forma, o desenvolvimento de TSs e de inovação social.

Assim sendo, pode-se vislumbrar melhores perspectivas, daquelas apontadas pela literatura, de estabelecimento da relação entre a geração e gestão do conhecimento pelos empreendimentos sociais e a busca de TSs, com vistas ao combate à pobreza.

4. Conclusões

O presente estudo teve como proposta identificar por meio da literatura como os empreendimentos sociais se utilizam do conhecimento produzido socialmente, como instrumento para a geração da Tecnologia Social visando o combate à pobreza.

Nesse sentido, a literatura apontou que é possível relacionar os conceitos de conhecimento e de TS com a ideia de necessidade (carências humanas), buscando suas possibilidades para a inclusão social.

Entretanto, conclui-se que a tecnologia a serviço da inclusão social deve considerar o diálogo entre sujeitos e entre teoria e prática e a perspectiva da transformação social que, necessariamente, inclui a formação de uma sociedade mais humanitária, por meio da humanização da inovação e das tecnologias.

A partir de então, uma nova fase do Empreendedorismo Social pode emergir, abrindo espaço para a interação, para o diálogo e para a construção de novos conhecimentos em direção às formas sustentáveis de produção dos meios de vida e emancipação social. Nessa nova configuração, novas redes de ajuda mútua podem contribuir para o futuro dos empreendimentos sociais, fortalecendo-se para a superação de desafios e atuando como fonte de mudança social.

Sendo assim, este estudo contribui para o debate sobre a utilização e disseminação das TSs e aponta perspectivas sobre o uso do conhecimento pelos empreendimentos sociais, como instrumento para a geração de tais tecnologias. Com isso, poderão ser encontrados novos caminhos em direção a sustentabilidade das ações dessas iniciativas, uma vez que, as TSs se apoiam na busca e experimentação de formas flexíveis e inovadoras de ação e solução, redesenhando as abordagens viáveis e as alternativas utilizáveis para o enfrentamento da pobreza, que ainda permeia várias partes do mundo. Todavia, as TSs precisam ser esclarecidas e direcionadas estreitamente para a realidade dos empreendimentos sociais. Isso se configura como uma sugestão para estudos empíricos futuros.

Referências

ALBAGLI, S.; MACIEL, M. L. **Capital social e empreendedorismo local** - Políticas para Promoção de Sistemas Produtivos Locais de MPME. Rio de Janeiro: UFRJ/FINEP/SEBRAE/CNPQ, 2002.

ALMEIDA, A. S. de. A contribuição da extensão universitária para o desenvolvimento de Tecnologias Sociais. In: REDE DE TECNOLOGIA SOCIAL - RTS (Brasil) (Org.). **Tecnologia Social e Desenvolvimento Sustentável: Contribuições da RTS para a formulação de uma Política de Estado de Ciência, Tecnologia e Inovação** – Brasília/DF :Secretaria Executiva da Rede de Tecnologia Social (RTS), 2010. pp. 9-15.

AUSTIN, J. E. *et al.* *Social and commercial entrepreneurship: same, different, or both?* **Entrepreneurship: Theory and Practice**. v30, n.1, Jan. 2006, pp.1-22.

BARENDSSEN, L.; GARDNER, H. *Is the social entrepreneur a new type of leader?* **Leader to Leader**. (34), 2004, pp. 43-50.

BARROS, L.; MIRANDA, I. **O papel das redes sociais para a construção e o compartilhamento do conhecimento em Tecnologias Sociais**. In: REDE DE TECNOLOGIA SOCIAL - RTS (Brasil) (Org.). **Tecnologia Social e Desenvolvimento Sustentável: Contribuições da RTS para a formulação de uma Política de Estado de**

Ciência, Tecnologia e Inovação – Brasília/DF :Secretaria Executiva da Rede de Tecnologia Social (RTS), 2010. pp. 61-63

BONTEMPO, P. C. Empreendedorismo Social e Inovação Catalítica. In: ENCONTRO DE ESTUDOS SOBRE EMPREENDEDORISMO E GESTÃO DE PEQUENAS EMPRESAS São Paulo, SP, 2008. **Anais...** São Paulo, EGEPE, 2008.

BOSCHEE, J. *Eight basic principles for nonprofit entrepreneurs*. *Non Profit World*, July-August 2001.

BORZAGA, C.; DEFOURNY, J. (Orgs.). *The Emergence of Social Enterprise*, London: Routledge, 2001.

BRITO, V. **Tecnologia Social é inédita e revolucionária**. Disponível em: <http://www.rts.org.br/eventos/forum_RTS/tecnologia-social-e-inedita-e-revolucionaria>. Acessado em: 12 de maio de 2013.

CATTANI, A. D.; HOLZMANN, L. (Org.). **Dicionário de Trabalho e Tecnologia**. Porto Alegre: Ed. da Ufrgs, 2006. 358 p.

CHRISTIE, M. J.; HONIG, B. *Social entrepreneurship: New research findings*. *Journal of World Business*, 41(1), 2006, pp.1-5.

DAVENPORT, T.; PRUSAK, L. **Conhecimento empresarial**: como as organizações gerenciam o seu capital intelectual. Rio de Janeiro: Campus, 1998.

ELSBACH, K. *Intraorganizational institutions*. In: BAUM, J. (Ed.). *The Blackwell companion to organizations*. Malden, MA Blackwell, 2005. p. 37.

FIOL, C. M. *Intraorganizational Cognition and Interpretation*. In: BAUM, J. (Org.). *The Blackwell companion to organizations*. Malden, MA Blackwell, 2005. p. 119.

GODÓI-DE-SOUSA, E. **O processo sucessório em associações produtivas no Brasil**: estrutura, desafios e oportunidades. São Paulo, 2010. Tese (Doutorado em Administração) – Programa de Pós-Graduação em Administração, Departamento de Administração da Faculdade de Economia, Administração e Contabilidade da Universidade de São Paulo.

LASSANCE JR, A.; PEDREIRA, J. Tecnologias Sociais e Políticas Públicas. In: FUNDAÇÃO BANCO DO BRASIL. **Tecnologia social**: uma estratégia para o desenvolvimento. Rio de Janeiro: FBB, 2004.

LEZANA, Á. G. R. *et al.* Estruturação e Implantação de um Programa de Empreendedorismo Social: o Caso do SESI Paraná. In: ENCONTRO ANUAL DA ASSOCIAÇÃO NACIONAL DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ADMINISTRAÇÃO. Rio de Janeiro, RJ, 2008. **Anais...** Rio de Janeiro, 2008.

LIMA FILHO, D. L.; QUELUZ, G. L. A Tecnologia e a Educação Tecnológica: elementos para uma sistematização conceitual. In: **Educação & Tecnologia**, Belo Horizonte, v. 10, n.1, p. 19-28, jan./jun, 2005.

LION, C.G. Mitos e Realidades na Tecnologia Educacional. In: LITWIN, E. (Org.). **Tecnologia Educacional**: Políticas, Histórias e Propostas. Porto Alegre: Artes Médicas, 1997. Cap. 3, p.23-36.

MACIEL, A. L. S.; FERNANDES, R. M. C. A importância das dinâmicas estaduais para a difusão de Tecnologias Sociais. In: REDE DE TECNOLOGIA SOCIAL - RTS (Brasil) (Org.). **Tecnologia Social e Desenvolvimento Sustentável**: Contribuições da RTS para

a formulação de uma Política de Estado de Ciência, Tecnologia e Inovação – Brasília/DF :Secretaria Executiva da Rede de Tecnologia Social (RTS), 2010. pp. 25-30

MAIR, J.; MARTÍ, I. Social entrepreneurship research: a source of explanation, prediction, and delight. **Journal of World Business**, vol. 41, n. 1, p. 36-44, 2006.

MELO NETO, F. P. de; FROES, C. **Responsabilidade social e cidadania empresarial: a administração do terceiro setor**. 2. ed. Rio de Janeiro: Qualitymark, 2002.

NORONHA, D; FERREIRA, S. Revisões da literatura. In: CAMPELLO, B. S; CENDÓN, B. V; KREMER, J. M. (Eds) **Fontes de informação para pesquisadores e profissionais**. Belo Horizonte: Editora da UFMG, 2000. p. 191-198.

ONozato, É; TEIXEIRA, R. M. Processo de Criação de Organizações com Fins Sociais: Estudo de Casos Múltiplos na Cidade de Curitiba – Paraná. In: ENCONTRO DE ESTUDOS SOBRE EMPREENDEDORISMO E GESTÃO DE PEQUENAS EMPRESAS São Paulo, SP, 2008. **Anais...** São Paulo, EGEPE, 2008.

OPHIR, R.; ARGOTE, L. *Intraorganizational Learning*. In: BAUM, J. (Org.). *The Blackwell companion to organizations*. Malden, MA Blackwell, 2005. p. 181.

OSTER, S.M.; MASSARSKY, C.W.; BEINHACKER, S.L. **Generating and sustaining nonprofit earned income: a guide to successful enterprise strategies**, Jossey-Bass, San Francisco, 2004.

PAIVA, J. E. M. de. Um Estudo Acerca do Conceito de Tecnologia. In: **Educação & Tecnologia**. Belo Horizonte: Revista do Centro Federal de Educação Tecnológica de Minas Gerais, v. 4 n. ½ jan/dez. 1999.

PENA, J. de O. O papel da tecnologia social para o desenvolvimento sustentável. In: REDE DE TECNOLOGIA SOCIAL - RTS (Brasil) (Org.). **Tecnologia Social e Desenvolvimento Sustentável: Contribuições da RTS para a formulação de uma Política de Estado de Ciência, Tecnologia e Inovação – Brasília/DF :Secretaria Executiva da Rede de Tecnologia Social (RTS)**, 2010. pp. 43-46

PROBST, G.; RAUB, S.; ROMHARDT, K. **Gestão do conhecimento**. Porto Alegre: Bookman, 2002.

QUINTÃO, C. **Empreendedorismo social e oportunidades de construção do próprio emprego**. In: SEMINÁRIO TRABALHO SOCIAL E MERCADO DE EMPREGO. Porto, 28 abril 2004.

SANTOS, O. J. Fundamentos da Relação Trabalho e Educação. In: **Trabalho & Educação** Belo Horizonte: Revista do NETE. n. 09. p.27-35. jul/dez. 2001

SCHLEE, R.P., CURREN, M.T.; HARICH, K.R. *Building marketing curriculum to support courses in social entrepreneurship and social venture competitions*. **Journal of Marketing Education**, 31(1), 2009. pp. 5-15.

SCHLEMM, M. M.; SOUZA, Q. R. **Coop Paraná e empreendedorismo social: uma experiência de gestão do conhecimento para inovação**. Disponível em: <http://www.coepbrasil.org.br/downloads/tese_queila.doc>. Acesso: 11/01/2012.

SILVA, Antonio Luiz de Paula. **Desenvolvimento e ‘Terceiro Setor’**. Disponível em: <<http://institutofonte.org.br/conteudo/desenvolvimento-e-terceiro-setor>>. Acesso em: 21 de fevereiro de 2012.

SOUZA, J. R. Tecnologias Sociais e Políticas Públicas –Um exercício de Democratização para o Desenvolvimento Social. In: REDE DE TECNOLOGIA SOCIAL - RTS (Brasil) (Org.). **Tecnologia Social e Desenvolvimento Sustentável**: Contribuições da RTS para a formulação de uma Política de Estado de Ciência, Tecnologia e Inovação – Brasília/DF :Secretaria Executiva da Rede de Tecnologia Social (RTS), 2010. pp. 47-52

TERRA, J. C. C. **Gestão do conhecimento**: o grande desafio empresarial. São Paulo: Negócio, 2000.

WARGLIEN, M. *Intraorganizational Evolution*. In: BAUM, J. (Org.). *The Blackwell companion to organizations*. Malden, MA Blackwell, 2005. p. 98.

VON KROGH, G.; ICHIJO, K.; NONAKA, I. **Facilitando a criação de conhecimento**: reinventando a empresa com o poder da inovação contínua. Rio de Janeiro: Campus, 2000.